

Gazeta de Campinas

Assignaturas

CAMPINAS PARA FORA
Anno.... 12\$000 Anno.... 13\$000
Semestre. 7\$000 Semestre. 8\$000
REDACÇÃO—RUA DO COMMERCIO—40

Publicação diária

REDACTORES F. QUIRINO DOS SANTOS E CARLOS FERREIRA

ADMINISTRADOR—ALFREDO PINHEIRO

Condições

As assignaturas podem principiar em qualquer dia do anno mas findarão sempre em Junho e Dezembro
TYPOGRAPHIA—RUA DO COMMERCIO—40

N.º IX

TERÇA-FEIRA, 13 DE NOVEMBRO DE 1877

N. 1178

GAZETA DE CAMPINAS

Campinas, 13 de Novembro.

Os partidos políticos

II

O que são os partidos políticos militantes entre nós?

Pallidos phantasmas, caminhando á luz bruxo-leante dos interesses individuais, interesses varios, encontrados, e por vezes inconfessaveis. Sem idéas, sem principios, sem moralidade, cada partido lucta por luctar, dominado pelo sentimento de opposição e ódio ao adversario, que lhe faz sombra, impellido pela força terrivel desse vicio, que se chama—politica—, arrastado pela voz interesseira dos chefes, que repositam tranquillamente, enquanto por elles nos templos e nas praças publicas, a massa ignorante e maleavel, por elles, choca-se, rasga-se e se esmaga. E o sangue que corre, e as vidas que se esvaem, não vêm fecundar uma idéa, sem principios; correm e esvaem-se em pura perda, inutil e inconscientemente.

Em verdade, de que se compõem os nossos partidos já o disse eloquentemente o «Globo». Os partidos devem ser grupos reunidos em torno da mesma bandeira, presos pelos mesmos sentimentos, ligados pelas mesmas idéas. No Brazil isto não se dá.

Inculto e ignorante, o povo não comprehende o alcance da politica. Vota-se no compadre, no patrão e no amigo, porque se é compadre, camarada, amigo ou dependente e nada mais.

A marcha dos publicos negocios passa despercebida de uns, ignorada de outros e desprezada por muitos.

São poucos os homens que têm. A fonte da opinião, os órgãos de publicidade, a imprensa por poucos é acolhida; e por esses mesmos é mais apreciado o jornal, que vem recheado de pilherias, ninharias e futilidades, do que aquelle que e toda a marcha dos acontecimentos, as necessidades publicas, e os reclamos do futuro. E não é de admirar isto. Do povo brasileiro é diminutissima a parte que sabe ler. Neste numero devem ser contados os homens para quem a governação do paiz é uma coisa secundaria e indifferente; aquelles que, descrentes, fogem de pensar nos negocios da nação; e o elemento estrangeiro, que, occupado exclusivamente com a accumulção de capitães, pouco se importa com a boa ou má gestão dos publicos negocios.

FOLHETIM

(12)

RAUL DE NAVERY

(TRADUÇÃO PARA A GAZETA)

O CRIME DAS MULHERES

XI

As nymphas das aguas

(Continuação)

A loura Labanof, conserva-se perfeitamente indifferente á ternura de seu marido; o realismo mata-lhe o enthusiasmo. Sono duas mulheres invejadas, e desde que chegamos ás confidencias, confessamo-nos infelizes. Entre as suas amigas haverá uma só que esteja contente com a sorte?

—Ha, respondeu Agostinha, é Lory minha companheira de collegio; ca-ou com um homem cujos haveres eram iguaes aos seus; vivem na aldeia aonde cultivam os campos, educam os filhos e amam-se sem que haja coisa alguma que lhes perturbe o espirito.

—Não nego as excepções, disse Nera, ellas confirmam a regra geral. Deixo-a para me preparar, adeus...

Estes ultimos formam uma grande parte dos homens, que sabem ler no Brazil, senão a maioria. Sendo assim, o que resta para a formação dos partidos politicos? A massa ignorante é machina inconsciente. Resta portanto, uma pequena parte, composta dos chefes e seus assés-cias, que, distribuidos pelas localidades, obtem ao minimo aceno daquelles, pelos quaes é explorada habilmente a quasi totalidade da nação.

E' esta pequenina fracção do paiz, que, arregimentada sob diferentes bandeiras, fórma os partidos militantes do Brazil. O que representam elles? Em nome de quem galgam as posições, e encastellam-se nas cumieidas do poder?

Representam o povo? governam em nome do povo? Não. O povo dorme o sono da indolencia e da ignorancia, somno tão pesado, como a morte.

Representam elles, portanto, a si mesmo e aos seus interesses. Daqui vem a pasmaceira, o *status quo*, em que vivemos. Quem maneja o poder em seu proveito, certamente não ha de querer sujeitar-se a manejar-o em proveito de outrem.

E' por isso que os chefes, encontrando-se, chocando-se, avançando, recuando, lá vão caminho do poder.

No meio da variedade infinita de suas opiniões emerge uma verdade inconcussa:—A conquista do poder pelo poder.

Daqui as scenas burlescas, que diariamente se reproduzem, cada vez mais ridiculas ou escandalosas, como a que representou, ainda ha pouco tempo, na camara vitalicia, o senador Jaguaribe, porque os seus creditos de padrinho estavam sem agio na praça. Enquanto eram feitas as suas vontades, era forte o ministerio, parlamentar o governo, felicissimo o paiz; e o senador calava-se, ou endossava. Desattendida uma sua pretensão, rompeu de seu peito um brado de indignação contra a corrupção e o escandalo.

Ou vai mal o paiz, ou não. Se vai mal, commette um crime de lesa-nação, aquelle que espera soffrer uma contrariedade para depois levantar o brado de opposição. Se vai bem, é um crime ajuda, clamar injustamente contra a ordem de cousas existente.

E' esta a verdadeira medida dos nossos homens e das nossas cousas. No governo, soffregos guló os enterram-se na meza do orçamento, e nos regalos do poder. Na opposição, sempre clamando abusos por toda a parte, nunca re-

quando diante do invento, forma da calomnia, e calando as mais das vezes, verdades terriveis; fracos quando clamam com injustiça; fracos, quando clamam os escandalos; fracos, quando galgam o poder; fracos e pusillanimes enfim, quando delle descem enxotados pelo ponta-pé imperial. Tais são os nossos homens e os nossos partidos militantes.

A. C.

O capital

(Conclusão)

Effectivamente, não se vê a razão porque o producto do trabalho passado, e o da collectividade contemporanea que pertence á humanidade é reudo e monopolizado pelo interesse individual. Mas, sem nos occuparmos mais do que nos legaram os nossos antepassados e do direito de todos em tudo, citemos o enorme excesso que todos os bens existentes adquirem pelo só crescimento da população, pelo augmento de confiança, pelo melhoramento das condições da industria, do commercio, etc.: tudo isto, resultado immediato da actividade geral.

Não se deve julgar grande injustiça que esse excesso vá tocar em partilha unicamente a individuos cuja posição é tal, que evidentemente não cooperam de forma alguma com a sua actividade de para o resultado obtido? Quem ousaria pretender que todos os principaes possuidores actuaes de capital ou de rendas do trabalho, do talento, dos esforços do pensamento, do trabalho das gerações passadas ou contemporaneas, tenham merecido esses bens por sua actividade ou applicação propria? ou, que a pobreza e a miseria das classes inferiores e laboriosas sejam sempre a consequencia de um infortunio merecido? Para fazer cessar esta desigualdade, para satisfazer a um tempo a equidade e as necessidades da economia politica, só se póle recorrer a medidas que tenham, umas, acção permanente. outras, intermitente, mas todas proprias para reconduzir o capital, a riqueza publica para onde os quer ver a natureza e a justiça, isto é, a collectividade ou a humanidade. Pondo de novo estes bens á disposição do individuo, na medida necessaria ao desenvolvimento e á utilização das suas forças, livra-se este individuo do dominio do capital particular, torna-se elle capaz de ser util tanto a si, como á collectividade e á humanidade, sem por isso sacrificar suas forças ao serviço d'outrem.

Pela enorme concentração da riqueza publica nas mãos do Estado ou da collectividade, o poder até aqui tão grande do capital particular, perde toda a importancia e as suas rendas diminuido ou sendo abolidas pela concurrencia do Estado, impedem aos desoccupados de viver á custa da collectividade sem fazerem esforços nem prestarem serviços. O beneficio principal era dar-se a riqueza nacional exclusivamente a quem a applicasse á utilidade e prosperidade geraes.

—A vossa tristeza.
Agostinha poz-se a rir nervosamente.
—A estação está acabada, o mundo elegante deserta, eu vou-me embora... O que ha em tudo isso que seja capaz de me affligir?
—Tudo e nada, disse o principe; mas não quereis ser sincera?...
—Porque occultarei a verdade?
—Porque vol-a pergunto.
—Mentirei de caso pensado?
—Acredito-o, e no entretanto, ajuntou o principe com certa melancolia, fazeis mal...
—Mal em que? perguntou Agostinha; vós fallaes por enigmas meu principe. Esqueceis que os não sei adivinhar...
—Nem mesmo lê-los? perguntou Sergio Orlow.
—Nunca m'os escreveram.
—Não se lê senão os livros e as cartas postas no correio?

O principe olhou a sra. Courcy de frente; ella abaixou os olhos como se se fascinasse uma serpente... De repente sem que ella comprehendesse porque, as lagrimas vieram-lhe aos olhos...
—Vede que não ignoraes porque esta partida vos entristece, disse o principe com voz perturbada.
Agostinha pareceu despertar de um sonho. Poz-se a rir pela segunda vez.
—Teus razão, tenho saudades do velho

A pernicioso e irresistivel vertigem do dinheiro e do papel cessaria e em vez de incalculaveis dividas publicas, ver-se-hia uma inesgotavel riqueza nacional.

L. BÜCHNER

REVISTA FLUMINENSE

Rio, 7 de Novembro de 1877.

O calor tropical, que aqui reinou ha dias obrigou-me a sair da cidade em busca de fresco e de boa sombra.

Comprehendo, que houvesse em mim, certa dose de egoismo, tratando primeiro de mim, e decurando um pouco os deveres que me são impostos, como chronista desta folha, porém, como, seja dito de passagem, tudo anda hoje fóra dos eixos, a principiar pela machina governativa, que dirige os nossos destinos, bem póde um misero chronista escapular-se á atmosphera poeica salda, do Rio de Janeiro, para ir ao campo buscar um pouco de refrigerio, e de vigor, para continuar esta lição diaria, a que somos forçados, os que não temos, pelo menos, 200 aplices de capital.

Se commetti esta falta, de que reverentemente peço desculpa, foi porque na minha ausencia, não ficaram os leitores da *Gazeta*, privados de noticias da corte: um outro escriptor, muito competente e muito illustrado costuma enviar as suas chronicas, verdadeiras revistas, altamente bem redigidas e fortes em noticias, commentadas com o elevado criterio, de quem sabe manejar a penna jornalística; fiado nisso logo maneja, que a minha falta não seria tão grande, como se eu fosse o unico encarregado de ter os leitores da *Gazeta* ao corrente do que succede na corte.

Feita esta declaração, principiarei: A companhia dos bonds da linha de Botafogo, vae ter por concorrente uma outra companhia, que atravessando os trilhos daquella, se dirigirá á Copacabana, sitio pittoresco, onde em breve surgirá o mais aprazivel e seu nivel bairro desta capital.

A companhia de Botafogo, possuidora de um privilegio, cuja força deve diminuir, desde que fraccione a nova companhia, trata, por todos os meios possiveis e impossiveis, de inutilisar os progressos de construcção da linha rival.

Obstando assim, está a companhia de Botafogo no seu direito, porém, até que ponto esse direito é torto, é o que cumpre examinar, e por causa dessas questões, não deve o publico ser privado, das vantagens e melhoramentos que lhe offerece a nova companhia.

Já outro dia, tiveram os trabalhadores da Copacabana de fazer os seus trabalhos protegidos por sentinellas á vista; é mister que deixem de existir conflictos semelhantes, que provam pouco em abono do poder judicial, que não decide como lhe cumpre, esta questão, por algumas razões que estão, infelizmente, na mente de todos:

Money! that is the great question! Muito expressamente digo isto em inglez, para que nem

Rheno e de suas recordações; do Maxburg no cume da collina; Koennigsthalde, esse broquel, mudado em throno; do Lanneck onde se bateram os ultimos Templarios...

Tudo o que vimos, admirámos, tudo o que transportava o nosso espirito para tempos longinquos no meio dos destroços das batalhas ou do curso das poesias do Minnesingen... faz-me saudades tudo o que talvez não torne a ver.

—A cavallaria teve amor pelo grande brilho, disse o principe, quer elle se manifestasse pela gloria das armas, pelo esplendor das letras, quer pela maravilha das descobertas... Ora se o amor existe desde a idade media, de que podemos ter saudades?

—Pensae assim? perguntou Agostinha.
—Eu passo metade da minha vida a amaldiçoal-o e outra metade a perseguil-o; facil, rejeto-o; enganador, castigo-o... e procuro-o ainda... E vós?...
—Eu! disse Agostinha, sou casada.

—Ora essa! replicou o principe pensaes que o esqueço?
Sergio cumprimentou Agostinha e deu o braço a Varvara que passava.

No dia seguinte, depois de uma noite de insomnia, a sra. Courcy ordenou á sua criada que lhe preparasse as malhas; queria partir em dois dias.

(Continua.)

todos comprehendam o subido alcance daquellas phrases, que infelizmente pódem ser applicadas a todas as questões que se debatem no fóro, na imprensa e em todas as nossas camadas sociaes.

Tanto é verdade isto, que o actual empresario lyrico, o sr. Ferrari, depois de ter impellido aos seus amáveis assignantes, gato por lebre, teve ainda a feliz idéa de convocar-os, fazendo appello á proverbial innocencia, de que o publico fluminense tem dado sobejas provas, não tirando um justo desforço, de quem soube fazer bem o seu negocio.

Pedia apenas o sr. Ferrari, uma garantia solidada, para a futura epocha lyrica, e neste intento deviam os assignantes depositar 40% da importância da assignatura, em uma casa bancaria. Porém, o sr. Ferrari esqueceu-se de dizelhes, quem é que o garantia a elle?

Não duvidamos um instante se quer da honestidade do sr. Ferrari, financeiramente falando, porém, se a garantia do futuro deve medir-se pela bitola do presente, affigura-se-me que ella não offerece aos assignantes senão um laço habilmente lançado pelo illustre empresario, afim de não correr o risco de ficar com o theatro ás moscas, se no futuro trouxer uma companhia irregular, como a que este anno nos apresentou, que se bem possuia, como detalhe, alguns artistas de merito, o conjunto della deixava muito a desejar.

A resolução da proposta do sr. Ferrari, ficou addida para as Kalendaras gregas, e até lá vamos continuando a nossa chronica.

(continua)

SEÇÃO PARTICULAR

A colonia Saltinho e o consul sr. Francisco Krug

Graças a Deus apresentou-se hontem o sr. Krug, julgando-se armado até aos dentes e resolvido a dar cabo do sr. barão de Indaiatuba na «defeza» dos seus muito «honrados» protegidos.

O pior foi ter deixado correr á revelia todas as accusações graves publicadas pela imprensa a respeito do seu «confessavel» procedimento nesta questão, aliás muito «honrosa» para s. s.

Sim, muito «honrosa», pois que o sr. Krug, no beatifico intuito de acabar com a colonia Saltinho e prejudicar o sr. barão de Indaiatuba em cerca de 7:000\$, que lhe devem os colonos, violentamente ataca as nossas leis, que qualifica barbaras, mas esquece-se de que dessas leis «monstruosas», elle já servio se para metter na cadeia os seus proprios patricios com o fim de obrigar-os a pagarem algumas dezenas de mil réis.

Sim, muito «honrosa» é esta questão para s. s. na qualidade de consul, porque não poupando esforços para incular-se hoje humanitario e democrata, no que diz respeito aos direitos e interesses d'outrem, não lembrou-se de humanidade e philantropia, quando tratou de si, e de seu dinheiro; de modo que para o sr. Krug a locação de serviços por contracto é pessima para os outros, e excellente para resguardar a sua bolsa: a questão é, pois, só de dinheiro...

Sim, muito «honrosa» é para s. s., como representante de uma nação civilisada, como a Allemanha, identificar-se com aquelles colonos que vangloriam-se de não temerem a cadeia pela razão de já terem «entrado nella com dividas e della sahido mezes depois sem debito e com boa somma nas algibeiras, dando colonos do exm. conde de Baependi.

Sim, menos honroso do que isso só é o acto do ESTRANGEIRO, residente ha vinte e cinco annos no Brazil, que tendo sido feliz, incumbirase da tarefa de sacrificar o futuro de seus compatriotas em nome de um falso patriotismo.

Sim, muito «honroso» é para o sr. Krug, como consul e protector dos colonos, requerer, como fez, ao exm. presidente da provincia que esses seus patricios com mulheres e crianças fossem mettidos na casa da correcção, destinada para os criminosos e fascinosas, reduzindo-os assim ao infimo nivel moral dos homens perdidos para a sociedade.

Com semelhante conducta, justos motivos tem a colonia allemã deste municipio, aliás digna de toda a estima e consideração, para julgar inconvenientemente representada a Allemanha, uma das mais preclaras nações do mundo.

Foi em verdade tristissima aquella jornada! Pois que! E' barbara a lei porque sujeita o colono a cadeia...

E quem não se limita á cadeia e vae ao ponto de recorrer á correcção, que nome terá?

A' vista disso, já é licito esperar que o sr. Krug, como o seu antecessor, queira ver os seus patricios corridos a chicote pela policia allemã, como um acto de humanidade e misericordia pela «gravissima falta» de emigrarem para o Brazil.

Tudo isso será independencia, e hombridade? Oh! se isso é hombridade, não a queremos para nós, apesar da muita «subservencia», em que possamos incorrer.

Cumpra, pois, tomar-se cuidado com certas «independencias» com que encham a boca «certos ambiciosos insubservientes.»

Já um documento que fizemos publicar e depois no artigo do «Diario de Campinas» de 9—o sr. Krug apresenta-se esforço paladino dos contractos de parceria.

E, como o sr. barão de Indaiatuba não fez contractos sómente de parceria, tanto bastou para que o sr. Krug, sem escolha de meios, votasse-lhe a mais crua guerra.

Ora, sr. Krug, quando s. s. estipulou contractos com seus patricios, cuja inobservancia sus-

tou a estes cadeia, alguém foi tomar-lhe contas porque assim procedeu?

Com que direito, pois, quer fazel-o em relação ao sr. barão de Indaiatuba?

Demais: sendo fervoroso apostolo dos contractos de parceria, porque não os estipulou para si e em favor daquelles seus patricios?

E nem é só isso: o sr. Krug, além de desrespeitosamente qualificar barbaras as leis brasileiras, foi até ao ponto de sublevar os colonos para abandonarem a colonia, como adiante diremos.

Eufrentemos a «delenda» questão dos contractos de parceria.

Sustenta o sr. Krug que os colonos preferem os contractos de parceria.

Se s. s. está de boa fé nesta discussão, affiançamos que ha de calar-se diante da autoridade dos factos e de documentos irrefutaveis.

Sendo os colonos naturalmente desconfiados contra seus patrões, no tocante ás contas parciaes entre ambos, as quaes aquelles não podem fiscalisar por si proprios, já por causa do beneficio dos generos em machinas e terreiros do fazendeiro, já por causa das vendas realizadas por terceiros em qualquer praça de commercio, hoje, como sempre, no Brazil, como na Europa, os contractos de parceria estão condemnados pelos proprios colonos por não reconhecerem nelles segura garantia de perceberem o producto real correspondente ao seu trabalho.

Isto é hoje de notoriedade publica e só ignorará quem cerrar os olhos á evidencia dos factos ou deixar de siudicar destes.

Abaixo publicamos uma carta dos srs. Lecocq, Oliveira & C., conceituadissimos negociantes do Rio de Janeiro, na qual o publico lerá este topico:

Em 1852, quando o sr. barão de Indaiatuba iniciou a colonisação em sua fazenda, a unica especie de contracto de locação de serviços que estava em voga, era o de parceria.

O contracto de parceria, pois, lhe era indicado naturalmente pela praxe dos primeiros colonisadores, e porisso nem d'outro qualquer cogitou o sr. barão de Indaiatuba.

Esses colonos da fazenda—Sete Quedas, tendo sido felicissimos e não sendo egaias como outros, escreveram a parentes e amigos da Europa, para que viessem gosar de todos os magnificos productos do Brazil. Accederam ao convite, porém com a condição de viverem sob as mesmíssimas normas dos contractos que seus patricios estipularam.

Ora, era muito natural essa condição, desde que os colonos d'aqui foram felizes com taes contractos, pela razão de que sempre preferimos seguir o caminho que nos proporciona felicidade, ajuda mesmo que haja outro melhor, mais desconhecido.

Eis o motivo, ao qual accedem o sr. barão, sómente por condescendencia.

E' certo porém, como deixamos provado, que hoje os contractos de parceria são repudiados, tanto no Brazil, como na Europa.

Esta verdade, que é incontestavel, acaba de ser confirmada pela insuspeita autoridade do exm. sr. ministro plenipotenciario da Austria, residente no Brazil.

Demais, quando mesmo os contractos de parceria fossem preferidos por alguns colonos, os de outra especie foram preferidos pelos colonos que estão presos, e isto depois de plenamente informados da colonia do sr. barão de Indaiatuba, quando ainda estavam em Blumenau, por intermedio de um colono que residiu na colonia Sete Quedas cerca de 10 mezes, e depois de terem em seu poder, durante dois mezes (ajuda em Blumenau) e conhecerem os contractos que assignaram mais tarde; sendo mais certo que esses contractos haviam sido escriptos em lingua allemã e os respectivos colonos não desconheciam nem os costumes, nem a lavoura do Brazil, nem as suas leis, porque muitos d'elles estão neste paz ha mais de 20 annos.

O que demais escriptos podia ser feito?

Mas, sr. Krug, se é verdade que, por não ser de parceria o contracto da colonia—Saltinho, s. s. entendeu dever acabar com ella, que razão actuou no seu espirito para tentar, como tentou, acabar tambem com a antiga colonia—Sete Quedas, que rege-se pelo systema de parceria e tantos gabos tem merecido de s. s. desde longa data até Fevereiro do corrente anno, isto é, durante 25 annos, como se vê do certificado que firmou e foi publicado na Gazeta de 6 do corrente mez?

Responda sr. Krug.

Saiba-se que na ausencia de muitos dias do sr. barão de Indaiatuba, conseguiu o sr. Krug que 8 ou 10 chefes de familias da antiga colonia—Sete Quedas (a mesma que se rege pelo systema de parceria) se rebelassem contra o director e viessem a esta cidade dar queixa, como elles diziam, ao consul, sr. F. Krug!

Com effeito vieram elles apresentar-se ao sr. consul que, ao avistal-os, julgou segura a presa e completo o seu triumpho!

Mas, qual não foi o seu desapontamento quando ao pedir exhibição das queixas, os colonos lhe declararam que tal não fariam, e que já estavam arrependidos, porque viviam bem contentes e felizes n'aquella colonia, e temiam que o patrão chegando da corte e com razão indignado, os expulsasse da colonia, o que seria uma grande infelicidade.

Factos destes trazem consigo o melhor commentario!

Atenda o publico, atenda o governo brasileiro...

A que vem a pilheria dos 18300 por alqueire? Ainda bem que o sr. Krug limitou-se a dizer—talvez. Este dilata é como aquelle que cometteu quando depunha o director da colonia, a quem interrogou do seguinte modo: «porque

razão o senhor não deu aos colonos café para colherem no mez de Fevereiro?!?!...»

Café maduro no mez de Fevereiro!!!

Pretendendo dar a razão da sahida dos colonos que voltaram para a colonia, diz que a prisão de 3 mezes, a falta de limpeza na cadeia e separação de suas familias motivaram aquelle acto.

De modo que, á contrario sensu, a conclusão legitima é esta: os outros colonos que não sahiram não sentem a prisão de 3 mezes, dão-se bem com a falta de limpeza da cadeia e são indifferentes á separação de suas familias.

Em seguida accrescenta: «se os outros têm tido resistencia até hoje é porque elles conhecem perfeitamente os seus direitos...»

Logo, os que sahiram não conhecem os seus direitos; logo abandonaram a colonia, não porque tivessem reclamação contra seu patrão, mas porque foram industriados por algum visto que quem não tem conhecimento de seus direitos, não pôde conscientemente fazer reclamação.

Sr. Krug, um conselho: seja mais reflectido quando escrever, para não dizer tanta...

Diz mais o sr. Krug que ignorava os contractos do sr. barão de Indaiatuba, quando elogiou-o como typo colonizador. (Deixe passar a bajulação). Que confissão comprometedora!

Pois, ficará bem a um consul dizer em publico, que ignora a natureza dos contractos!

E, se não conhecia, como é que snupoz-se habilitado para julgar seus patricios felizes na colonia Sete-Quedas, quando isso, equivalentemente, asseverou naquelle supra referido certificado?

Mas, para que accumularmos argumentos e razões, se o sr. Krug já deu-nos a chave d'ouro que solve toda a duvida, confessando que os colonos sahiram da colonia sómente porque estipularam pouca remuneração?

Depois d'esta confissão pôde o sr. Krug dizer o que quizer. Queixa-se o sr. consul de desacato e apresenta-se como victima imbelles!

Ora, sr. Krug, o caso é sério e não releva gracejos.

Por ultimo, o que mais não diria o sr. Krug? Que somos subservientes.

Muito bem!

Acertou e lhe daremos um doce para docilisar a sua adversidade.

A imparcialidade.

Rio de Janeiro 4 de Maio de 1877. Ilm. e exc. sr. Barão de Indaiatuba. CAMPINAS

Temos a honra de accusar recepção das estimadas cartas de v. exc. datadas de 28 do mez p. p., de cujos contedos ficamos inteirados, e para satisfazer aos desejos de v. exc. daremos os passos necessarios e aconselhados por v. exc. No entanto já mostrámos a sua carta ao sr. inspector geral interior, porque muito devem influir as considerações muito justas e importantes apresentadas por v. exc.

Acabavamos de receber a correspondencia do sr. commendador J. Caetano Pinto Junior quando telegraphamos a v. exc. segundo copia junta.

Acreditamos que não haverá duvida na remessa dos colonos que v. exc. pede, logo que o sr. Pinto consiga vencer a repugnancia que mostram os emigrantes em virem trabalhar de parceria com os fazendeiros.

Pelo primeiro vapor para a Europa daremos conhecimento do que v. exc. nos escreve, ao sr. commendador Caetano Pinto Junior, tendo-o já feito ao socio e irmão do mesmo senhor.

Somos com perfeita estima e consideração.

De v. exc. am.º e obr.º

LE COCQ, OLIVEIRA & COMP.

Machina eclipse de Guilherme Mac-Hardy

Com a publicação das cartas que for recebendo dos srs. fazendeiros a quem tiver vendido as machinas de minha invenção, espero conseguir provar, a toda a evidencia, o equívoco em que labora o amigo que disse quebrar a minha machina vendida ao sr. capitam Francisco de Paula Bueno, vinte por cento do café beneficiado.

Em seguida á carta que dirigi ao sr. coronel Joaquim Quirino dos Santos, publico a resposta que s. s. se dignou dar-lhe.

Campinas, 25 de Outubro de 1877. Ilm. Sr. coronel Joaquim Quirino dos Santos Sua fazenda

Amigo e Senhor.

Rogo-lhe o especial favor de responder-me com franqueza ao pé desta, o seguinte.

1º Quanto beneficia a machina n. 2 de minha invenção que assentei em sua fazenda. 2º Quantas arrobas quebra por cento. 3. Se tem havido desmanchos, ou se trabalha com perfeição. 4º Se o café fica perfeitamente beneficiado.

Com a authorisação de publicar sua resposta muito obsequiará a quem se firma

De v. s.

Am.º obr.º e cr.º

10—5 GUILHERME MAC-HARDY.

Campinas, 30 de Outubro de 1877.

Ilm. Sr. Guilherme Mac Hardy.

Nesta

Amigo e Senhor.

Respondo ao favor que me dirigiu em 25 do corrente da forma seguinte, podendo fazer o uso que lhe convier:

Quanto ao 1º, a machina n. 2 que v. s. assentou em minha fazenda «Barreiros» beneficia mais de 300 arrobas de café por dia, sendo entretanto este o algarismo que garantio-me.

Quanto ao 2º, a quebra é tão insignificante que creio não excederá de 1%.

Quanto ao 3º, desde que foi assentada tem

trabalhado até hoje com a maior regularidade que se póde desejar.

Quanto ao 4º, o café sahe tão perfeito que não demanda mais trabalho.

Sou com estima

De v. s.

Am.º venr.º

JOAQUIM QUIRINO DOS SANTOS.

Em tempo.—Estou tão satisfeito com a sua machina que vou assentar outra na fazenda de S. Bento, propriedade de Quirino, Gomes & C.º.

NOTICIARIO

«O marido da douda»—Lê-se no «Diario Popular»;

«A representação de um drama nacional, por si só constitue facto digno de menção. Se esse trabalho consegue attrahir um auditorio selecto, e se o merito litterario é reconhecido e o actor applaudido, mais curioso é esse phenomeno, e portanto mais natural a publicação hoje do que se passou no theatro S. Luiz por occasião da est. da do «Marido da douda», producção original do nosso distincto collega Carlos Ferreira. Não pretendemos analysar a these desenvolvida brilhantemente pelo actor, e recommenda-mo-la aos nossos Mandisley. A discussão dessas theorias medico-legaes póde ser mantida em terreno mais positivo mas com difficuldade terá solução mais engenhosa que a offerecida pelo sr. Carlos Ferreira; em que pezo a Du-mas Filho, o seu «tuez-la» encontrou um terrivel protesto no bem delineado escripto do poeta dramaturgo, que hontem foi victoriado pela sociedade fluminense.

O «Marido da douda» filiado á escola moderna, no 1º acto apresenta os caracteres e esboça a acção que vae se desenvolvendo e precipitando natural e progressivamente até ao desenlace final que impressiona de modo profundo o doloroso ao espectador intelligente.

No fim do 2º acto e depois do 3º e 4º o sr. Carlos Ferreira foi repetida e freneticamente applaudido pelo publico: e a ultima vez que foi chamado á scena, veio em companhia do sympathico empresario sr. Valla, a quem o publico, quiz agradecer e applaudir a coragem de representar um drama nacional de incontestavel valor litterario e philosophico.

Agora terminando esta noticia enviamos tambem nossas sinceras felicitações ao sr. Carlos Ferreira, e fazemos votos para que seja este o primeiro elo de uma gloriosa cadeia de producções intelligentes, que venham enriquecer o theatro nacional.»

—Do Diario do Rio:

«O «Marido da Douda», drama do festejado poeta e habil jornalista o sr. Carlos Ferreira, foi desempenhado ante-hontem á noite no theatro S. Luiz.

Não estava cheia a elegante sala, entretanto o actor deve estar satisfeito da maneira porque foi recebida a sua producção, a primeira que faz como dramaturgo.

Não lhe faltaram applausos e depois do ultimo acto foi grande o enthusiasmo do escolhido auditorio. Varios amigos e apreciadores dos talentos do joven litterato foram á caixa comprimental-o. Foi um triumpho para o sr. Carlos Ferreira e sinceramente nos regosijamos com isso, porque consid-ramos um incentivo para outros talentos, que tão arredios se têm mostrado do nosso theatro até hoje, vivendo de traducção de dramas, comedias ou então de apparatus magicas sem merito algum litterario e evadas de trocadilhos, ás vezes pouco decorosas.

Resente-se, talvez, de alguns defeitos, o trabalho do sr. Carlos Ferreira, devido, quem sabe á pouca pratica do palco; entretanto sobram-lhe lances magnificos, de grande effeito dramatico e situação tão habilmente combinadas, que fazem esquecer o que por ventura, possa haver de inverosimil. Demais, são tão pequenos esses defeitos.

O que realmente se nota de muito apreciavel no drama do sr. Carlos Ferreira, são certos es- ntuos da vida intima da nossa sociedade e mesmo da vida de familia, o que é denunciado em phrases naturaes e verdadeiras. Lusbella na entrevista que têm com Barbara no 2º acto diz grandes verdades.

Emfim, não cabem nos limites de uma curta resenha do espectáculo fazer a critica ao drama do sr. Carlos Ferreira; o que, porém, não podemos deixar de dizer ao joven escriptor é que não se deixe adormecer sobre os louros que colheu, e continue a enriquecer o theatro nacional com producções iguaes á que foi representada ante-hontem.»

—Da «Gazeta de Noticias»:

Assistimos ante-hontem no theatro de S. Luiz á primeira representação d'esta peça devida á já acreditada penna do nosso estimavel e distincto collega Carlos Ferreira.

Com quanto reputemos bastante escabroso o thema que o joven escriptor aproveitou para a peça, força é confessar que na sua nova producção revelou elle talento e espidão para a litteratura dramatica, tirando partido de situações bem preparadas e usando sempre de boa e appropriada linguagem. Não cabe n'uma breve noticia a apreciação a que o drama tem incontestavel direito, por isso nos limitamos n'este lugar e por agora a noticiar que a nova peça foi recebida com inequívocas demonstrações de agrado, bem como o seu desempenho, em que se ha alguns senões foi em geral satisfactorio.

O actor foi chamado repetidas vezes á scena e muito applaudido. O actor Vailo tambem foi muito victoriado.

Comprimntamos Carlos Ferreira pelo feliz exito da sua producção.

— Do «Jornal do Commercio»: Deu-se ante-hontem no theatro S. Luiz um acontecimento, de que ha bastantes annos não temos tido occasião de fallar nos fastos theatraes da corte: — subiu á scena um drama original brasileiro!

O sr. Carlos Ferreira, distincto cultor das letras na provincia de S. Paulo, e redactor da «Gazeta de Campinas», escreveu um drama intimo, de linguagem facil e poetica, conduzido sem maior esforço no seu enredo, e no qual sustenta um principio, que aos alienistas cabe elucidar — o desregramento da mulher honesta por uma força superior á sua dignidade e á sua educação, enfermidade que se chama nevrose ou loucura, e que, por muitos annos, arrasta uma infeliz esposa á degradação, sem que ninguém lhe conheça os symptomas e trate de evitar-lhe os damnos.

Mas, se o distincto author trata-se de evitar esses damnos, não toria escripto o seu bello drama, e não teriamos nós, por nosso turno, occasião de manifestar-lhe o quanto nos foi agradável assistir á representação do seu trabalho litterario.

A parte, um ou outro pequeno senão de fórma ou de conveniencia scenica, que, em nada pôde influir para o desenvolvimento da idéa, ou para que o drama não seja uma elegante produção de uma intelligencia esclarecida, o «Marido da douda» assignala um acontecimento digno de nota na litteratura dramatica do paiz e que deve servir de incentivo para que ressucite o nosso theatro nacional.

Ao talentoso collega dirigimos os nossos parabens pela sua applaudida estréa.

Theatro. — No sabbado e domingo realisaram-se como estava annunciado, os espectaculos que deviam preencher a 3.ª e 4.ª recita de assignatura da companhia lyrica.

Na primeira cantou-se a já conhecida opera «Um ballo in mascheras», cujo desempenho agradou como sempre, sendo para notar o diminuto concôrso da espectadores na platéa.

Na segunda noite foi cantada pela primeira vez na actual estação lyrica a «Favorita», do maestro Donizzetti.

O merito dessa composição é conhecido e relativamente ao seu desempenho, quasi se nos torna impossivel expender nossa opinião, porque houve circumstancias poderosas que impediram a companhia de a desempenhar de modo mais satisfatorio.

O sr. Spalazzi, encarregado da parte de d. Affonso XI, achava-se bastante doente e confirma este facto o aviso que a empresa mandou fixar no saguão, pedindo para este artista a indulgencia do publico.

O sr. Lelmi, por seu turno, devia ser inscripto naquella pedido de indulgencia, pois não só achava-se muito constipado, o que causava má impressão, especialmente quando cantava notas agudas, como também não estava certo na letra da opera, o que obrigava o ponto a fallar de fórma que os espectadores sabiam antecipadamente as palavras que o artista tinha de pronunciar.

A sra. Zaccani, encarregada da protagonista, desempenhou-a satisfatoriamente; o sr. Scolar, por um descuido talvez, retardou a sua entrada no 4.º acto, deixando o sr. Lelmi um tanto embarçado em scena, desempenhou apesar disso, a sua parte regularmente.

Algumas das scenas principaes da opera foram muito applaudidas, especialmente o duetto do 2.º acto cantado pelos artistas Lelmi e Zaccani, e em que foram irreprehensíveis.

O corpo de coristas não estava bem ensinado, e se conseguio desempenhar os coros do 1.º e 2.º acto, não foi feliz no 3.º porque não deu a «fermata» a tempo, do que resultou desafinar. O scenario do 4.º acto não foi apropriado, porque marcando o libreto o «interior do convento de S. Jayme», apresentou-se uma vista de cemiterio devido a não ter o theatro o scenario preciso.

Quer-nos parecer, a acreditar no libreto, que a sra. Zaccani devia representar no ultimo acto um joven novio e não uma «noiva», assim como o sr. Lelmi devia morrer com a morte da sua Leonor, e não limitar-se a cair de joelhos. Não obstante estes pequenos senões, que a companhia irá certamente tratando de resolver, o publico applaudiu calorosamente os artistas que foram chamados ao proscenio, nos fins do 2.º e 4.º actos.

Desta vez foi mais animada a concurrencia de espectadores, e é claro que quanto mais capricho houver da parte da companhia, tanto maior será o numero de frequentadores que terá o S. Carlos.

São os nossos votos.

Crise ministerial—O *Globo* de 10 diz que corre com alguma insistencia o boato de crise ministerial, devido principalmente ao estado precario de saúde do sr. duque de Caxias.

O *Diario Popular* de 11, diz que por encommodo de saúde, o sr. duque não assistiu na vespera ao despacho imperial.

Bohemia dramatica—Ficou transferido para a dia 19 do corrente o spectaculo que esta sociedade tinha annunciado para o dia 14, como se verá no annuncio, na secção competente.

S. Portugueza de Beneficencia—Encerrou-se ante-hontem a exposição de prendas desta sociedade.

O leilão rendeu um conto de réis.

M. Spelterini—Somos informados de que o spectaculo que estava annunciado para domingo 11 não pôde realizar-se por encommodos de saúde da distincta fluambula.

Telegrammas—KARAYAL (Armenia), 7 de Novembro.—O exercito russo, que sitia Kurs, na Asia, repelia victoriosamente uma ortida dos sitiados, causando-lhes perdas consideraveis.

VERSALHES, 8 de Novembro.—A crise ministerial não terminou; as camaras discutem a oportunidade do procedimento que deverão ter em frente do ministerio que se acha actualmente no poder.

LONDRES, 9 de Novembro.—Os russos occuparam Elzerum.

PARIZ, 9 de Novembro.—Foram abertas as camaras, Foi eleito presidente Jules Grevy. Reina completo socego.

Club Flor de Liz—Realizou-se ante-hontem a partida desta sociedade prolongando-se até ás 2 horas da madrugada.

EDITAES

Imposto predial

José Rodrigues Ferraz do Amaral, collector das rendas provinciais nesta cidade de Campinas. Faz saber que, em cumprimento do regulamento provincial de 31 de Julho de 1873, art. 13, se acha concluido o lançamento para arrecadação do imposto predial, orçado pelo art. 3.º das disposições permanentes, com o augmento de 20 % do art. 5.º das disposições provisionarias, promulgados no corrente anno; constando da relação infra, os nomes dos collectados e importancia tributada.

A epocha para o pagamento no corrente exercicio, é nos mezes de Dezembro de 1877 e Janeiro de 1878.

Campinas, 15 de Outubro de 1877.

O collector—José Rodrigues Ferraz do Amaral.

EXERCICIO DE 1877 A 1878

LANÇAMENTO DO IMPOSTO SOBRE PREDIOS

Rua Direita

(Continuando)

- N. 24, assobadada, José Pinto Nunes, 14\$400
- N. 25, João Henrique Krug, 16\$800
- N. 26, Guilherme Ralston, 6\$
- N. 27, terreo, Joaquim Polycarpo Aranha, 12\$
- N. 28, Thomaz Pereira da Fonseca, 10\$800
- N. 29, Victorino Pinto Nunes, 18\$
- N. 30, José Quirino dos Santos Simões, 2\$400
- N. 31, S. bastião José Rodrigues de Azevedo, 3\$600
- N. 32, D. Anna Candida Pacheco e Silva, 18\$
- N. 33, Josephia Maria da Conceição, 2\$400
- N. 34, Herança de Felisberto Rodrigues de Souza, 8\$400
- N. 35, Antonio José Machado, 3\$600
- N. 36, Felisberto Rodrigues de Souza, herança 4\$800
- N. 37, José da Costa Rago, 9\$600
- N. 38, João Henrique Krug, 9\$600
- N. 39, D. Maria Brandina de Souza Aranha, 20\$400
- N. 40, Manoel Cardoso de Almeida e Silva, 9\$600
- N. 41, D. Maria Brandina de Souza Aranha, 3\$600
- D. Maria Brandina de Souza Aranha, 8\$400
- N. 42, sobrado, Manoel Cardoso de Almeida e Silva, 13\$200
- N. 43, terreo, Francisco Bueno de Lacerda, 2\$100
- N. 44, terreo, Bernardo Novais, 9\$600
- N. 45, terreo, D. Jacintha Angelica de Moraes, 13\$200
- N. 46, terreo, José Antonio Martins Lascasas, 6\$900
- N. 47, terreo, D. Maria Franca do Carmo, 2\$400
- N. 48, terreo, José Antonio Martins Lascasas, 7\$200
- N. 49, terreo, Barão de Tres Rios, 4\$800
- N. 50, terreo, D. Maria Francisca dos Prazeres Monteiro, 6\$
- N. 51, assobradada, Barão de Tres Rios, 34\$800
- N. 52, terreo, Juvencio Augusto Monteiro, 3\$600
- N. 53, terreo, Esmeria Maria de Camargo, 1\$200
- N. 54, terreo, José Narciso Monteiro, 6\$
- N. 55, terreo, Perfeito Maria Naveo, 7\$200
- N. 56, terreo, João Ferraz de Barros, 2\$400
- N. 57, terreo, D. Gertrudes Pires Monteiro, 7\$200
- N. 58, terreo, D. Theolinda Pires Monteiro, 10\$800
- N. 59, assobradada, Damaso Xavier da Silva, 8\$400
- N. 60, sobrado 2, Luiz Antonio de Pontes Barbosa, 15\$600
- N. 60 a, terreno, Floriano de Camargo Campos, 2\$400
- N. 62, sobrado, Joaquim Alves de A. Salles, 12\$

(Continúa)

O dr. Carlos Augusto de Souza Lima, juiz municipal em exercicio d'esta cidade e termo de Campinas, etc.

Faço saber aos que o presente edital com 20 dias de pregões e 3 praças virem, que findos que sejam os ditos 20 dias e 3 praças na 1.ª audiencia que se seguir será arrematada por quem mais der e maior lance offerecer, uma casa e terreno sitos á rua do Commercio d'esta cidade, com o n. 145, e juntamente outra casa e terreno annexo com seus respectivos fundos, que vão ao Largo de S. Benedicto, tudo avaliado por 8,000\$000 e são pertencentes a Luiz Rieger, penhorados para pagamento do que deve ao commendador Manoel Cardezo Almeida e Silva; e serão arrematadas em frente ao edificio da sala das audiencias no dia acima indicado por quem mais der e

maior lance offerecer, e assim quem nos mesmos bens quizer lançar e effectivamente arrematar compareça.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandei lavrar este, e outro identico que serão affixados no lugar do costume e publicados pela imprensa. Dado e passado n'esta cidade de Campinas, em 8 de Novembro de 1877. Eu Francisco Antonio de Oliveira, escrivente juramentado o escrevi. Eu Joaquim Franco de Pontes, escrivão interino o sub-escrevi.—Carlos Augusto de Souza Lima. (Com estampilha de 400 rs. inutilizada).— 3—2

O dr. Carlos Augusto de Souza Lima, juiz de orphãos nesta cidade de Campinas e seu termo e etc.

Faço saber aos que o presente edital virem e delle noticia tiverem, que por este juizo se procede á arrematação dos bens seguintes: 2 relógios de prata, desmanchados, no valor de 20\$; 750 grammas de prata velha no valor 35\$. Outro sim: acham-se tão bem em praça os serviços da liberta Joaquina, pelo tempo de 50 mezes, á razão de 15\$ mensaes sommando 736\$, devendo ser o pagamento adiantado por prestações nunca inferiores a 6 mezes, para cujas arrematações são convidados todos os interessados a apresentarem as propostas no prazo de 10 dias, contados da publicação do presente edital, cujas propostas serão abertas na primeira audiencia que se seguir, depois da qual serão também arrematados os bens supra mencionados.

A liberta Joaquina consta ser boa cozinheira e nella tiveram partes a viuva e os diversos herdeiros do finado José Theodoro da Silva Machado, e os objectos vão á praça a requeri mento dos credores Santos & Irmão, em liquidação.

E para que chegue ao conhecimento de todos se lavrou o presente e mais dois de igual teor que serão affixados nos lugares do costume e publicados pela imprensa. Dado e passado nesta cidade de Campinas, 9 de Novembro de 1877. Eu Flaminio Mauricio, escrivão ajudante o escrevi. Eu José Gonçalves de Godoy Mauricio, escrivão de orphãos o subescrevi.—Carlos Augusto de Souza Lima.—(Competentemente sellado).— 3—1

ANNUNCIOS

S. Portugueza de Beneficencia

As prendas arrematadas no leilão da S. Portugueza de Beneficencia, podem ser procuradas em casa de Ferreira Novo & Irmãos.

Au Monde Elegant

«Leite de Iris» para a frescura, brilho e belleza do rosto.
«Leite Antiphelico» para dissipar sardas, Lentilhas e fogaens, e florescencias, rugas etc.
«Pomada de Tânino» para fazer crescer em pouco tempo os cabellos.
«Lotion Vegetale» para limpar e fortificar os cabellos.
«Óleo antigo de Lubin» para tirar a caspa e amaciar os cabellos.
«Sabão extra fino de Thridace de Violed».
Lapis mysterioso para dar aos olhos uma doce fascinação.
Vermelho, Roza, Carmim, Branco Imperial para as faces, preparados com Bismouth
Todos estes thesouros de belleza com muitas especialidades de perfumarias encontra-se na casa do Monde Elegant.
31—RUA DIREITA—31

Bellas photographias

de Saldanha Maranhão, Emilia Adelaide, Salvini, Imperador do Brasil, Familia Imperial, e outros homens notaveis, romancistas, pintores celebres etc., em diversos formatos, para album e para quadros. A' venda na 2—1

Livraria Internacional

Chegaram!

TRAGEDIA INFANMIL, poema de Guerra Junqueiro, cart. 1\$500. A INDIANA, poema dramatico por Thomaz Ribeiro 2\$500. GUIA DAS ESTRADAS DE FERRO, da provincia de S. Paulo, preços de passageiros e da bagagens, tabellans, indicações, etc., e um mappa das diversas linhas, pelo engenheiro Moraes, 1 vol. cart. 2\$500. OS CRIMES DOS PAPAS, 4 grandes vols. 26\$. Os que riem e os que choram, por Perez Escherich, 3 vols. com gravuras enc. 8\$. Contos de Hoffman, em portuguez, com gravuras, 3\$. Chegou também o Livro de Santa Barbara tão procurado. Lisboa de hontem, por J. C. Machado, 1 vol. 3\$. Nova collecção de romances a 1\$500. Recebem-se encomendas que se farão vir promptamente de S. Paulo ou do Rio de Janeiro na Livraria Interuacional de

Gaspar da Silva 2—1

Gadeiras AMERICANAS

Vendem-se em casa de Santos, Irmão & Nogueira. 8

Vinho de S. Raphael!

Na pharmacia do Rosario encontra-se o verdadeiro vinho tonico e reconstituente de S. Raphael.

Fitas de velludo, nobreza e setim, em casa de Ferreira Novo & Irmãos.

O maior e mais lindo sortimento de camisas e collarinhos para homens que tem vindo a esta cidade, é o da casa de Ferreira Novo & Irmãos.

MANOEL JOSE DIAS DA SILVA & C.
Commissarios
RUA DO COMMERCIO, FUMO
E MAIS GENEROS DO PAIZ
Rua da Quitanda n. 115
Rio de Janeiro

RS. 100:000

Fugiu dos abaixo assignados moradores no Amparo, na noite de 11 para 12 de Setembro deste anno, o escravo de nome Severino, preto, idade 25 annos, estatura regular, cheio de corpo, pouca barba, olhos pardos, bocca grande, tino zaimbro das pernas, tem dois signaes de castigo nas costas fingindo 5 caroços do lado esquerdo, levou calça de brim d'angolla de xadrez azul, camisa listada e camisa de baeta azul com debrum vermelho, nome delle, e mais um parelho de roupa de algodão e chapéo grande de palha.

Gratifica-se com a quantia acima a quem o apprehender e entregar nesta cidade a Manoel Pereira do Amaral ou no sitio dos seus senhores no Amparo, bairro da Boa Vista.

Campinas, 13 de Setembro de 1877.
26 Souza & Camargo.

MOBILIAS

AUSTRIACAS

A' venda em casa de Santos, Irmão & Nogueira, 8

ROBINSON & COMP.

Estabelecidos na rua do Commercio n. 52. Chama-se a attenção do respeitavel publico desta cidade para a sua casa de generos inglezes, a saber:
Botinhas inglezas a 8\$500 e 9\$000.
Copos e calices de crystal de todos os gostos de 6\$ a duzia para cima
Guarda-chúvas de fazenda boa de 4\$ para cima
Chá da India e muitos outros generos que se venhem por preços bem baratos. 12—8

Vêr para crêr

20 MIL RS.

Carrinhos, para criança vendem-se a 20\$000 em casa de Santos, Irmão, & Nogueira. 9

FORMICA CAPANEMA

deposito RUA ONZE DE AGOSTO N. 20

Custo 16\$000 a lata no acto da entrega. Acha-se aberto das 7 ás 9 da manhã e das 10 ás da 4 taade.

Historias Cambiantes

Collecção de pequenos romances de CARLOS FERREIRA

A' venda nesta typographia. Preço 2U000

Superiores camisas de meia para homens; meias inglezas para homens e crianças, em casa de FERREIRA NOVÓ & IRMAOS

OS mappas da provincia de S. Paulo por C. D. Rath, edictores A. L. Garraux & Comp., encontram-se na relojoaria de Alexandre Perret, rua Direita n. 56.

Vestidinhos de fustá o enfeitados, a capricho, para crianças até 4 annos, em casa de Ferreira Novo & Irmãos.

Theatro

S. CARLOS

Sociedade Particular Bohemia Dramatica

Previno aos srs. socios que a recita annunciada para o dia 14 fica transferida para o dia 19.

Campinas, 12 de Novembro de 1877.

O secretario
A. PINHEIRO.

Cafe' da Liberia

Pelo vapor «Halley» chegado a 20 do corrente de Londres, receberam os abaixo assignados uma porção deste café tão decantado e reconhecido o melhora para a cultura, pois que um pé está para quatro dos que aqui se cultivam. Vendem cada lata que vae timbrada com a firma da casa, por 15:000.

MOREIRA, CUNHA & C.

RUA DE S. PEDRO 106

Rio de Janeiro

AGENCIA EM CAMPINAS

AD LIVRARIA

A. L. Garraux & C.

DE S. PAULO

Alexandre Perret, relojoeiro á rua Direita 56 está devidamente auctorizado a receber encomendas de livros A PREÇO DO CATALOGO.

Tambem elle é o UNICO encarregado de receber quantias por conta da dita casa e das mesmas quantias dar quitações.

RUA DIREITA N. 56

ALMANACH LITTERARIO

DE

S. PAULO

PUBLICADO POR

José Maria Lisboa

Além da folhinha e outras informações, contém biographias de homens illustres, contos, poesias, artigos historicos e scientificos, descrições, trovas populares, chronicas, anedotas, charadas etc., etc. Sendo a maioria dos escriptos sobre assumptos paulistas; traz mais

Uma carta lithographada da provincia de S. Paulo

Uma walsa do distincto maestro Elias Alvares Lobo

Vende-se em casa de

CERQUERA & AMARAL

10-4

ASSUCAR

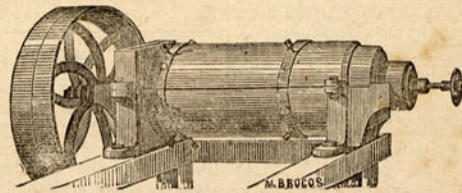
Pacheco & Vieira

EM S. PAULO

Rua da Estação n. 12

Vendem assucar mascavo de Pernambuco, bom 16:000; regular 15:000 o sacco.

3-3



CONCASSOR DE CAFE'

Invenção brasileira, propriedade de Cyrillo de Castro & C.: Rio de Janeiro. Privilegiada por decreto imperial n. 6020 de 30 de Outubro de 1875, approvada pela sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e premiada com o Grande Diploma de Honra, a maior recompensa da Exposição Nacional de 1875. Unico agente em Campinas e todo Oeste e Sul da Provincia de São Paulo.

FRANCISCO KRUG.

Concassor maior que beneficia 600 até 800 arrobas de café, por dia, conforme a força do motor, preço inclusive encaixotamento, frete e mais despesas até Campinas 840\$000.

Concassor menor que beneficia 300 arrobas de café, por dia, preço inclusive encaixotamento, fretes e mais despesas até Campinas 600\$000.

Para a montagem dessa machina, transmissões, polias, e outros accessorios necessarios, devem os compradores se entenderem com o agente acima.

15-4

RUA DE S. CARLOS

CAMPINAS

Theatro S. Carlos

COMPANHIA LYRICA ITALIANA

Quinta-feira, 15 de Novembro de 1877

INTRANSFERIVEL

Grande e variado spectaculo

EM BENEFICIO

Do primeiro baixo profundo

Sr. Jorge Mirandola

ao qual obsequiosamente prestam-se todos os primeiros artistas da companhia.

Distribuição

1ª parte—2º acto da LUCRECIA BORGIA.

2ª parte—3º acto da LUCRECIA BORGIA.

3ª parte—Grandes variações burlescas intituladas o CARNAVAL DE MAHÃO, executadas na rabeca pelo insigne maestro cavalheiro commendador João Canepa.

Em obsequio ao beneficiado seguirá o grande duetto das bandeiras da opera PURITANI do immortal maestro Bellini, cantado pelo beneficiado e o sr. Spalazzi.

4ª parte—Grande tercetto da opera LOMBARDI do maestro Verdi, cantado pela sra. Cortesi, o sr. Lelmi e o beneficiado.

O grande e precioso solo de rabeca será executado pelo eximio maestro cavalheiro commendador João Canepa.

O srs assignantes terá preferencia ás suas localidades e não se disporá das mesmas se não depois do meio dia de quinta-feira. Roga-se ás pessoas que não quiserem ou não puderem assistir ao spectaculo, de devolverem ao beneficiado os bilhetes que lhe foram entregues, antes do meio dia de quinta feira no hotel do Commercio, rua do Regente Feijó.

Apresentando-se com este spectaculo em seu beneficio, esforça-se o beneficiado em corresponder á animação e acolhimento do illustrado publico, confiando mais no seu apoio que no proprio merecimento; nesta occasiã espera o seu concurso pelo que desde já fica eternamente agradecido.

O BENEFICIADO:

Preços do costume

Principiará ás 8 1/2 em ponto.

Typ. da «GAZETA DE CAMPINAS»